

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Estudos sobre produção editorial e história dos livros no Brasil - algumas observações¹

Sandra Reimão

Professora da pós-graduação em Comunicação Social da UMESSP. Pesquisadora bolsista do CNPq (produtividade em pesquisa). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa *Produção Editorial* da Intercom. Autora, entre outros, de *Mercado Editorial Brasileiro* (ComArte/ FAPESP, 1996) e *Livros e televisão –correlações* (Ateliê ed., 2004).

Resumo:

Este artigo divide-se em duas partes: a primeira enfoca os primórdios teóricos do campo dos novos estudos de história do livro, a seguir, em um segundo momento, são apresentados alguns dos principais estudos brasileiros neste âmbito temático.

Palavras-chave: história social dos livros, imprensa, comunicação impressa e comunicação eletrônica

No século XX, a expansão e o desenvolvimento dos computadores propiciaram, entre outras inovações, o surgimento do livro eletrônico: livros digitalizados, transmitidos por meio de redes virtuais ou disponíveis em bases eletrônicas, e lidos em uma tela de computador ou apetrechos análogos. O livro eletrônico gerou uma enorme

¹ Este artigo foi publicado originalmente, com leves modificações, na revista *Comunicação & Sociedade* no. 42, São Bernardo do Campo, UMESSP, agosto 2004.

quantidade de artigos e de livros (!) que prognosticavam (e prognosticam) o chamado “fim do livro (impresso)”.

Por outro lado, a novidade do livro eletrônico parece ter gerado também um incremento nos estudos de editoração, nos estudos sobre história do livro. Como se o surgimento de novas tecnologias de armazenamento, transmissão e suporte do impresso tivesse despertado a necessidade de um entendimento mais detalhado e amplo daquele objeto que foi durante, pelo menos, os últimos 500 anos o principal veículo difusor de idéias, informações, cultura e lazer da humanidade. Este incremento nos estudos sobre editoração é verificável mesmo em países com longa e sólida tradição no estudo das histórias dos livros – como França, Alemanha e Inglaterra.

Por volta de 1960, a partir de um conjunto variado de textos, começou a se configurar um novo perfil nos estudos de história dos livros. Ao invés de se aterem a detalhes técnicos do material impresso, estes novos trabalhos buscam “entender como as idéias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e o comportamento da humanidade”, segundo as palavras de Robert Darnton (1995, p.109). Darnton afirma que uma denominação possível para estes novos estudos do livro seria “história social e cultural da comunicação impressa”. Esta nova abordagem se consolidou na *École Pratique des Hautes Études*, em Paris, e foi divulgada especialmente a partir de publicações como *O aparecimento do livro*, de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, em 1958.

Ainda, segundo Darnton, os novos historiadores do livro “ao invés de se deterem em detalhes da bibliografia, tentaram descobrir o modelo geral da produção e consumo de livro ao longo dos grandes períodos de tempo” e “não se interessavam por livros raros e edições de luxo; pelo contrário, concentraram-se no tipo mais comum de livros, porque queriam descobrir a experiência literária dos leitores comuns”. Fazendo uma avaliação geral destes novos estudos, Darnton afirma: “Embora não apresentassem um conjunto sólido de conclusões, eles demonstraram a importância de levantar novas questões, de usar novos métodos e acrescentar novas fontes”.

Em *O aparecimento do livro* (um ou “o” passo inicial da nova história do livro) Lucien Febvre e Henri-Jean Martin enfocam o surgimento do livro impresso e as mudanças profundas que tal surgimento gerou no mundo todo, enfatizando que o livro foi, desde seu surgimento, para aqueles que o fabricavam uma forma de ganhar a vida, ou seja, uma mercadoria. Os autores demonstram como, nos seus primeiros séculos de existência, o livro impresso enquanto mercadoria (há um célebre capítulo denominado

“O livro, esta mercadoria”) fez nascer toda uma rede de negócios e empregos e, simultaneamente, enquanto fermento de idéias e posturas (“O livro, este fermento” é o nome de outro capítulo) subsidiou toda uma nova mentalidade – ou seja, em uma fórmula sintética, os autores demonstram como “os homens fizeram os livros e os livros, por seu turno, fizeram os homens” (expressão utilizada por Paul Chalus no prefácio de FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean, 1971).

Na mesma linha, mas enfocando um período histórico diferente, Martyn Lyons, em seu livro *O triunfo do livro* – uma história sociológica da leitura na França do século XIX, publicado em 1969, concentra-se nas edições comerciais, na venda dos livros e nos gostos dos leitores. Para abordagem deste último tópico, Lyons utiliza, entre outros dados, as listas de livros mais vendidos. Pensando a produção de livros como atrelada à história da economia e ao desenvolvimento do capitalismo industrial na França no século XIX, Lyons enfoca o lugar do livro na vida cotidiana dos leitores (A nova história social do livro irá dar seu fruto maior com a publicação de *Histoire de l'Édition Française*, coleção em 4 volumes dirigida por Roger Chartier e Henri-Jean Martin publicada entre 1982 e 1986).

Em 1974, no volume “Nouveaux Objets”, dentro da coleção *Faire de l'histoire*, organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora (em português, o título geral da coleção, publicada pela Francisco Alves, em 1976, é: *História: novos problemas, novas abordagens, novos objetos*), Roger Chartier e Daniel Roche, no capítulo “O livro. Uma mudança de perspectiva” realizam um mapa das propostas desta nova história do livro. Neste mapa/programa, podem ser destacados os seguintes tópicos:

- ?? para o historiador do livro, o livro deve ser encarado “como mercadoria produzida para o lucro”, não escapando pois aos fluxos da conjuntura, e como “signo cultural, suporte de um sentido transmitido pelas imagens ou pelo texto” - seguem-se, assim, as indicações de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin no inaugural *O aparecimento do livro*;
- ?? os historiadores do livro tomam de empréstimo da análise econômica, “um vocabulário, uma bagagem conceitual e os métodos estatísticos”;
- ?? os historiadores do livro têm por objeto, em “um campo homogêneo sem hierarquização nem exclusão todos os discursos que em um dado momento, se tornaram livro”;

?? para os historiadores do livro a bibliografia material (bibliografia física) não é só um tema para especialistas é uma “fonte de conhecimentos novos quanto à edição e à circulação dos produtos culturais”;

?? sensível a múltiplos apelos, a história do livro se aproximaria da história das sociedades e das mentalidades coletivas.

Entre os trabalhos que mais difundiram a história social da leitura, este capítulo de Roger Chartier e Daniel Roche merece destaque e pode ser responsabilizado por parte da multiplicação de estudos sobre editoração que se encontra em curso. Aliás, multiplicação tão grande que, este campo de estudo, nas palavras de Robert Darnton, agora, “mais do que um campo, parece uma exuberante floresta tropical”.(DARNTON, 1998, p.111).

Existem várias “bússolas” e diferentes “rotas” possíveis de serem trilhadas pelo historiador dos livros nesta “exuberante floresta tropical”. Robert Darnton, em seu já citado “O que é a história dos livros?”, afirma que o circuito de criação/produção/difusão de um texto impresso não pode ser isolado em suas diferentes fases, pois as partes só adquirem seu sentido quando relacionadas com o todo – apesar desta ressalva, Darnton propõe, para análise deste processo, a adoção de um circuito-modelo que comportaria seis âmbitos: 1) autores, 2) editores, 3) impressores, 4) expedidores, 5) livreiros e 6) leitores.

Chartier, por outro lado, em um capítulo do livro *A ordem dos livros*, afirma que um circuito possível para o enfoque das formas discursivas e materiais de um texto e sua apreensão pelos leitores pode ser o embricamento de três pólos desta história: 1) a análise dos textos; 2) a história dos livros; e 3) “o estudo de práticas que se apossam de maneira diversa desses objetos ou de suas formas, produzindo usos e significações diferenciadas” (CHARTIER, 1998, p.12).

Seja que “bússola” se use ou que “rota” se percorra, os novos historiadores da história do livro abraçam uma visão global do circuito do livro e concebem o livro interagindo com os demais meios de comunicação de massa. Salientando este ponto, citemos Robert Darnton: “os livros têm de ser estudados em relação com os outros meios de comunicação. As linhas de pesquisa podem levar a vários rumos, mas, em última análise, todas devem permitir entender melhor como a palavra impressa moldou as tentativas dos homens de compreender a condição humana”. (DARNTON, 1995, p.130). Ou ainda, Henri-Jean Martin: “Toda reflexão sobre o livro é incompleta se se limita ao simples estudo do livro impresso (...). É conveniente, para compreender o

papel desempenhado por este objeto, colocá-lo entre os instrumentos de comunicação para melhor entender sua especificidade. Pode-se pensar que a história do livro (...) deveria se inserir, sem entretanto perder sua especificidade, em uma história dos sistemas de comunicação social” (MARTIN in ESTIVALS, R., 1993, p.313)

Estudos sobre história do livro no Brasil

Basta olharmos alguns programas de congressos, simpósios, seminários ou qualquer outro tipo de encontro acadêmico nacional nas áreas de Comunicação, Educação, Ciências Sociais ou Letras, para notarmos a presença de estudos atrelados à temática da editoração no Brasil. Um levantamento de teses e dissertações defendidas entre 1994 e 1998, realizado por Richard Romancini e apresentado no 13º. Congresso de Leitura do Brasil (COLE), localizou, apenas nos cursos de Comunicação, 57 trabalhos que poderiam ser enquadrados como tratando deste assunto.

O livro do brazilianista Laurence Hallewell, *O livro no Brasil*, publicado em 1985 pela T.A. Queiroz Edusp, costuma ser citado como uma referência inicial nos estudos sobre história dos impressos atrelados a esta visão que se pode chamar de “história cultural e social da comunicação impressa” ou “nova história dos livros”. Na verdade, há vários e relevantes estudos sobre história do impresso no Brasil anteriores ao livro de Hallewell, que apresentam traços ou contemplam temas que são tidos como característicos da assim chamada “nova história social da comunicação impressa”. Entre eles, não podemos deixar de citar o clássico *Literatura e sociedade*, de Antonio Candido, publicado pela primeira vez em 1965, em que, ao lado da produção ficcional brasileira propriamente dita, o tema da difusão e da recepção da literatura se faz presente com ênfase. Ainda no âmbito da recepção de impressos não podemos deixar de citar também o livro *Cultura de massa e cultura popular. Leituras operárias*, de Éclea Bosi (Petrópolis, Vozes, 1977) – que, através de entrevistas com um grupo de operárias de uma fábrica da periferia de São Paulo buscou saber suas relações com o universo dos impressos.

Anteriores a 1985, encontramos também trabalhos de pesquisadores brasileiros que enfocam assuntos como: a produção de livros no Brasil; as bibliotecas (particulares e públicas); os livros como agentes de mudanças sociais; etc. Entre estes estudos não podemos deixar de nos referir aos vários trabalhos de Rubens Borba de Moraes sobre bibliotecas, como, *O problema das bibliotecas brasileiras*, de 1943 (há uma edição de

1983 pela ABDF, Brasília) e *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*, de 1969 (SP, IEB) e os trabalhos de Maria Beatriz Nizza da Silva sobre cultura (e impressos) no Brasil colonial, como *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro 1808-1821* (SP, Ed. Nacional, 1978, 2^a. ed.). A título de curiosidade, lembremos que Rubens Borba de Moraes dirigiu a antiga Biblioteca Municipal atual Biblioteca Mario de Andrade (São Paulo) de 1936 a 1942 e a Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) de 1945 a 1947.

*

O estudo sobre editores e empresas de edição tem sido uma das áreas mais frutíferas nos atuais estudos brasileiros sobre produção editorial e história do livro, seguindo os passos de Hallewell. Como exemplos de estudos neste âmbito, podemos citar, na produção recente: Fernando Paixão (ed.), *Momentos do Livro no Brasil*, Ática, 1996 (resgate histórico-cronológico das principais editoras nacionais); Sílvia Helena Simões Borelli, *Ação, suspense, emoção*, SP, Educ/FAPESP, 1996 (sobre o escritor Marcos Rey e a Editora Ática); Sônia Maria de Amorim, *Em busca de um tempo perdido*. Edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950), SP, Edusp/ComArte, P.A., UFRGS, 1999; John Milton, *O Clube do Livro e a tradução*, SP, Edusc, 2002; Plínio Martins Filho e Marcello Rollemberg, *Edusp-Um projeto editorial*, SP, Imprensa Oficial do Estado, 2001, entre outros. Nos estudos sobre editores e casas editoriais no Brasil, destaca-se ainda o projeto *Editando o Editor* coordenado por Jerusa Pires Ferreira, na Universidade de São Paulo, no início da década de 1990.

Vários outros âmbitos do circuito do livro também foram alvo de estudos recentes. Para citarmos apenas alguns poucos exemplos, listemos: 1) Com ênfase no tema dos autores - Marisa Lajolo e Regina Zilberman. *O Preço da Leitura*. Leis e números por detrás das letras. SP, Ed. Ática, 2001 (sobre a remuneração de escritores ao longo da história e suas relações com seus editores); 2) Destacando a história da formação da Biblioteca Nacional, citemos Lilia Moritz Schwarcz, *A longa viagem da biblioteca dos reis*, SP, Cia das Letras, 2002; 3) Encontraremos uma história cultural com ênfase nas atividades de um livreiro no estudo de Aníbal Bragança, *Livraria Ideal, do cordel à bibliofilia*, RJ, EdUFF, 1999. O estudo das formas de comercialização de livros também se faz presente na dissertação de Urbano Nobre Nojosa, *Mercado Editorial – um estudo sobre o segmento porta a porta no Brasil* (SP, ECA/USP, 2001) que, como o título deixa claro, enfoca uma das formas mais tradicionais de comercialização de livros – a venda direta ao consumidor em seu domicílio; 4) Podemos encontrar um pertinente trabalho sobre usuários de bibliotecas na dissertação

de Richard Romancini, *Apropriações de Paulo Coelho por usuários de uma biblioteca pública: leitura popular, leitura popularizada* (SP, ECA/USP, 2202) que entrevistou leitores de Paulo Coelho no momento em que estes devolviam os livros na biblioteca.

Dois ramos da história do livro são especialmente profícuos no Brasil: o estudo da história e das formas de leitura e o estudo das edições populares – folhetos, cordéis, almanaques. Para comentar cada um destes ramos, precisaríamos de um espaço muito maior do que dispomos aqui, pois estes temas têm sido contemplados como uma série muito grande e muito rica de estudos há já várias décadas. Apesar da exigüidade do espaço não podemos, no entanto, deixar de citar, ao menos como registro, no que tange à história da leitura, o amplo trabalho que o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais desenvolve desde 1990 e o trabalho da Associação Brasileira de Leitura (ABL) sociedade que publica a revista *Leitura: teoria & prática* e promove o Congresso de Leitura do Brasil (COLE).

É no contexto multifacetado destas indagações sobre “história social e cultural da comunicação impressa” que se insere também a rica contribuição dos trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Pesquisa Produção Editorial da Intercom e esse tão bem organizado e relevante I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial do qual estamos tendo a satisfação de participar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. SP, Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília, Ed. Univ. de Brasília, 2^a. ed., 1998.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Mídia, Cultura e Revolução, SP, Cia das Letras, 1^a. reimpressão, 1995.
- FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean. *L'apparition du livre*. Paris, Albin Lichel, 1971.
- LYONS, Martyn. *Le Triomphe du livre*. Une histoire sociologique de la lecture dans la France du XIX siècle. Paris, Promodis, 1987.
- MARTIN, Henri-Jean. Verbete “Histoire du livre et bibliologie” no volume ESTIVALS, Robert (dir.). *Les Sciences de l'écrit*. Paris, Retz, 1993.